

Foguetes em nome de Aláh

por **Chaim Noll** (nasceu em 1954 em Berlim-leste e vive desde 1995 em Israel)

Em 27 de dezembro de 2008, uma ação militar contra a Hamas na Faixa de Gaza começou primeiro do ar, depois por tropas de solo, contra abrigos de armas, sistemas de túneis e outros objetos dessa organização de terror. Desde oito anos, comandos da Hamas lançam foguetes à área israelense de estado com projéteis cada vez maiores e mais alcançantes, primeiro de granadas, depois com foguetes Kassam auto-produzidos, entrementes com foguetes de meio alcance de fabricação russa e iraniana. Os golpes diários acertam alvejadamente na população civil israelense, nas colônias de moradias, áreas industriais, escolas, ruas.

Houve mortos (14 só na cidade de Sderot), feridos e dano material imenso. No total, cerca de 10.000 embates em povoações israelenses foram contados. O número deles está subindo: eram em 2007 ainda cerca de 1200 projéteis, em 2008 se contou já mais que 2000.

A Hamas nasceu em 1987 da irmandade moslim extremista, a qual antes de tudo está ativa no Egito. O nome é um acrônimo por “*Hakarot al-Mukawamah al-Islamijab*” (Movimento da Resistência Islâmica), mas com significado intencionalmente duplo: a palavra árabe conhecida do antigo aramaico significa desde antigo: zelo, procedimento forçado ou violência. No código tradicional de honra dos beduínos, “*hamasa*” significa uma das virtudes masculinas básicas, “desprezo de perigo”. Morrer na luta, pessoas da Hamas consideram-no como o sentido da sua existência, consideram uma vida humana – seja a sua própria ou aquela dum outro – como grandeza negligenciável.

Fim próximo declarado da Hamas é a destruição de Israel: “Israel existirá até que o Islame a extinguiu”, diz a Carta da Hamas acessível a cada um, publicada no início de 1988 (www.mideastweb.org/hamas.htm), reportando-se a um “mártir da fé verdadeira”, o Imã Hassam al-Banna, “que Aláh o abençoe”. A Hamas deduz todos os seus fins políticos de lugares do Corão e de outras fontes islâmico-religiosas. A Carta da Hamas é Documento de abertura digno de nota nos nossos dias de disfarce jeitoso dos fins do Dshihad islâmico.

Além da destruição de Israel, a Hamas se esforça para a perseguição pelo mundo todo de judeus e cristãos, porque esses não teriam crido no profeta e como isso incorrido na perda da proteção por Aláh: “Subjugação é a sua sorte ... Carregaram sobre si a ira de Aláh e foram condenados porque negaram os sinais de Aláh, mataram os profetas por injustiça, recusaram a obediência e pecaram” (Corão, sura 3, versículo 110 ss.). Com judeus em cristãos não poderia, portanto, haver entendimento nenhum (sura 2, versículo 120).

A terra bíblica é para a Hamas um bem de herança islâmica, um inalienável “bem de mão morta” (*wakf*), da qual nem uma palma deva ser cedida a “infiéis”. “Sob esse aspecto é como cada país que os moslins conquistaram com força, porque os moslins o santificaram por essa conquista” (Carta da Hamas, artigo 11). Porque partes dessa terra estão sendo habitadas hoje por “infiéis”, “a luta de liberação é obrigação pessoal de cada moslim” (artigo 14). Quem se subtrai dessa obrigação, não estando disposto para lutar, chega a ser punido por Aláh, para o que o artigo 13 cita uma dica de Hadith: “Os hipócritas apanhem sofrimento e desespero.”

A máxima mencionada por último contém a, em olhos ocidentais chocante, exortação de deixar exatamente não-participantes sofrer pelas ações de luta, p.ex. civis palestinos que não pertencem à Hamas, porque a não-participação na luta já significa apostasia e “hipocrisia”, merecendo punição. Tanto mais, segundo desse modo de pensar, são para serem punidos e perseguidos todos os moslins que simpatizarem com a civilização ocidental. Especialmente em perigo estão, segundo a opinião da Hamas, mulheres moslêmicas, as quais o ocidente “com a ajuda de mídia, cinema e programas de proteção” desvia do caminho do Islame e aliena da sua tarefa de dar à luz homens e os educar no sentido da Hamas (artigo 17). “A mulher numa casa do Dshihad ... joga o papel principal na criação das crianças na preparação no papel como lutadores de Dshihad, que as espera” (artigo 18).

Na Hamas domina uma mentalidade na qual também os amigos de diálogo ocidentais mais dispostos precisam fracassar. Do ancoramento corânico profundo dos fins de luta da Hamas resulta a total impossibilidade de solicitar deles negociações políticas. “Não há solução para a questão palestina além pelo Dshihad”, se diz na Carta (artigo 13), também isso sob referência a lugares de Corão e Hadith. “Iniciativas, propostas e conferências internacionais é perda tempo e esforços sem sentido.”

Luta e vida é, para ativistas Hamas uma só coisa. Um homem não devia, no sentido da dignidade antigo-árabe de homem reanimada pela Hamas, nunca estar sem arma. Nesse sentido é o mais conseqüente transformar a própria casa de moradia – apesar do risco para mulheres e crianças – num depósito de armas.

O líder Hamas morto no 1º de janeiro Nissar Rajan tinha na sua moradia açambarcado, como um xeque de beduínos, os seus punhais e espingardas, uma arsenal inteiro de foguetes modernos, os quais no ataque por um avião israelense desataram uma cadeia de explosões, nas quais também já as casas vizinhas caíram em escombros e cinza. Espaço livre para divertimento ou distração espiritual, aliás, não se encontra na existência dos lutadores.

A luta contra judeus (“o inimigo sionista”) e cristãos (“cruzadores”) é tarefa que absorve todas as forças, precisa de todo o pensar e sentir, à qual o moslim fiel se deve dedicar com todas as fibras da sua essência. “Tudo isso é completamente sério”, o artigo 19 da Carta adverte, “pois uma nação que se dedica à luta santa, não conhece brincadeira.”

Depois de que Israel no verão de 2005 tirara as suas tropas e colonos de Gaza, essa organização decidida precisou apenas dois anos para pôr a inteira Faixa de Gaza sob o seu controle. Decisiva para o seu triunfo era a corrupção dos serviços da Autonomia e a rede de instalações sociais, a qual a Hamas – graças a doações suficientes do exterior – mantém para os seus lutadores e para as suas famílias.

O patrocinador mais importante da Hamas é o Irã. Os fins desse estado concordam com aqueles da Hamas: destruição de Israel, islamização total do Próximo Oriente, propagação do “dar al-islam”, do “reino depaz” islâmico, no qual a humanidade é uma hierarquia clara de moslins e “dhimmis” sumissos, dispensando-se todo o negociar ulterior. Desde 2007, a Hamas domina sobre Gaza, e desde ganhou a maioria nas eleições, (em que ninguém pode responder pela legitimidade dessas eleições) e a qual eliminou em massacres os adeptos do movimento rivalizante da Fatah. Com listas de morto, os lutadores da Hamas foram de casa em casa, desagradáveis foram executados em rua aberta, empurrados dos telhados ou torturados à morte nas estações da milícia Centenas de pessoas da Fatah fugiram no verão de 2007 com mulheres e crianças para dentro dos braços do “inimigo sionista”, sitiando as passagens de fronteira a Israel, para não cair na mão dos seus irmãos moslêmicos. Compaixão com “traidores” do santo Dshihad, muito mais ainda com adversários na luta, conta para as pessoas da Hamas como fraqueza desdenhosa.

Também agora, durante a ofensiva militar de Israel, a Hamas se toma tempo para eliminar os seus rivais palestinos: 35 pessoas líderes da Fatah foram, segundo relatos dos média, liquidados imediatamente depois do começo da ofensiva israelense de solo em 2 e 3 de janeiro de 2009 pela Hamas, outras 75 fuziladas nas pernas ou atrofiadas de outro modo, para os impedir de qualquer atividade, também da possibilidade de fuga. Ao bombardeamento sem parar do seu território e às tentativas contínuas de invadir Israel de lutadores Hamas para raptarem judeus ou fazer ataques de terror, Israel reagiu com o fechar todas as passagens de fronteira. Também o Egito, o outro vizinho, fechou as suas fronteiras para Gaza.

A situação da população civil na Faixa de Gaza piorou consideravelmente. Já nas primeiras semanas depois da tomada de poder da Hamas, milhares de palestinos de Gaza fugiram, antes de todos acadêmicos e pertencentes à camada média, entre eles os proprietários das poucas grandes fábricas.

Com isso, infra-estrutura, abastecimento com prestações de serviços, instalações civis na Faixa de Gaza se foram arruinando, antes de tudo cada vez mais lugares de trabalho caíram fora, depois de que já a saída dos colonos – uma exigência de decênios das forças progressivas do oeste – fizera dezenas de milhares de palestinos perderem os seus lugares de trabalho nos estabelecimentos agrícolas e outros empreendimentos dos israelis. Para a população civil palestina, a saída de Israel e a tomada de poder pela Hamas eram um desastre desde o começo.

Tanto mais facilmente o Irã podia pôr sob o seu controle a pequena região, no entanto ao desgosto de outros estados árabes, em frente de todos da Arábia Saudita. A rivalidade entre o regime iraniano de Ayatoláh e a casa régia saudita baseia-se em muita coisa, começando com o mais profundo e o mais antigo, com interpretações incompatíveis do Corão, com o cisma entre sunitas e xiitas, com tradições de ódio etnicamente motivadas entre árabes e não-árabes dentro do Islame, mas baseia-se também em coisas mais novas e de hoje, p.ex. a influência das esferas e planos de hegemonia no Próximo Oriente nestes dias.

A Arábia Saudita e o Irã são os maiores, mais ricos em óleo, economicamente mais fortes países da região. O seu relacionamento nunca era o melhor, piorando-se na medida em que o Irã através da Hisboláh no Líbano e a Hamas em Gaza ganha influência e poder sobre os palestinos.

Daí, o Egito, a Arábia Saudita e outros países sunitas-árabes mostraram uma atitude ambivalente, impossibilitando até agora uma ação da Liga Árabe. O ministro do exterior saudita, o príncipe Faisal, criticou pela primeira vez publicamente os palestinos pela “desunião” deles, com o que está sendo entendida a transição duma parte dos palestinos, antes de tudo em Gaza, para o lado do Irã.

Pois Gaza chegou a ser nos últimos anos a base de concentração do regime iraniano, inquietante, não só para Israel, mas também para os países árabes da região. A pequena faixa costeira no Mediterrâneo se presta especialmente bem para as intenções imperiais do Irã.

A infiltração de agitadores, armas e de outro apoio nunca era um grande problema, por causa da fronteira porosa desde séculos freqüentada por contrabandistas beduínos entre o Sinai egípcio e a Faixa de Gaza. Também desde que o Egito, por medo da agressividade da Hamas, mantém as suas fronteiras para Gaza fechadas, a importação de foguetes, armas, explosivos e de outras coisas continua. Estão sendo contrabandeados em túneis subterrâneos para Gaza. Desde a partida das tropas e colonos israelenses, a Hamas se podia dedicar relativamente imperturbada à sua tarefa de fazer a área estatal de Israel inabitável para judeus, cristãos e outros “infieis”.

Um breve olhar no mapa deixa ver o cálculo da geopolítica iraniana: entre o canto nordeste da Faixa de Gaza e da ponta sudoeste do Banco Ocidental jazem só 40 km.s de terra israelense, com população relativamente densa, com cerca de um milhão de pessoas, várias cidades grandes, entre elas Beerseba, da capital da região sul israelense, ou Ashdod, o maior porte marítimo do país, e estradas e linhas de estrada de ferro importantes, que ligam o sul de Israel com o centro do país.

Os novos foguetes de produção russa e iraniana transformam esses 40 quilômetros numa zona perigosa, um dia talvez inabitável. As perspectivas para a Hamas são boas e estão chegando a serem cada vez melhores, antes de tudo quando o Irã em breve produzir armas atômicas e o primeiros detonadores estiverem sendo contrabandeados para dentro de Gaza.

Por causa da sua mentalidade fanática e da sua ideologia fundamental-islâmica, a Hamas já fazia muito tempo era uma das grandezas perigosas do Próximo Oriente o que, não por último, centenas de vítimas dos seus ataques de terror no mundo inteiro provam. Desde que a Hamas está sendo guiada pelo Irã e prossegue os fins da política de poder dele, ela alcança a dimensão duma ameaça militar séria para todos os estados vizinhos. Enquanto Israel finalmente age, com paciência quase insuportável para os habitantes da área bombardeada, defende, não só a vida dos seus cidadãos próprios, mas também de todos os povos moderados da região.

Texto alemão: http://www.merkur.de/2009_03/Raketen_im_Namen.32156.0.html?&no_cache=1 >
Noll, Chaim: *DSCHIHAD – Raketen im Namen Allahs*

Tradução: pv-werden@uol.com.br

16/1/2009